



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 55

## Quarta parede

**Branca Vianna:** Tá começando o Rádio Novelo Apresenta.

Eu sou a Branca Vianna.

Existe um termo no teatro — que você já deve ter ouvido falar — que é a “quarta parede”. Pensa no palco: tem a parede de trás, o fundo do palco... uma parede de cada lado... e tem a quarta parede — uma parede invisível, imaginária — que separa o palco da plateia.

A quarta parede é o que faz os atores se comportarem como se a gente — o público — não tivesse ali.

Só que, em algumas peças — e em alguns filmes, algumas séries também —, algum personagem “quebra” essa parede. Ele olha pra tela e conversa com você; ou desce do palco e anda no meio do público; ou fala uma coisa que faz a gente perceber que ele sabe que ele é um personagem.

Eu sempre acho esses momentos um pouco desconcertantes. E acho que é de propósito, mesmo. É como se, naquele momento, não tivesse nada separando quem tá na cena e quem tá — ou tava — só assistindo.

Os dois mundos se misturam e você – que até então tava de boa comendo pipoca, ou só curtindo a história – de repente você vira parte do espetáculo também.

O que eu acho engraçado é que, pra alguém decidir quebrar a quarta parede, primeiro alguém teve que inventar a quarta parede. Porque ela não foi uma coisa dada, que existe no teatro desde sempre... só começaram a falar dessa barreira lá pelo século 18.

Ou seja: uma coisa invisível teve que ser inventada... pra aí a gente poder ir lá e quebrar essa coisa invisível sempre que der vontade – ou sempre que o roteiro pedir.

As histórias dessa semana são meio assim. Nem sempre a gente consegue enxergar a fronteira entre o que é encenação e o que é vida real. Seja porque essa fronteira é invisível, seja porque a gente esqueceu de inventar.

Quem sobe primeiro no palco é a Paula Scarpin.

---

## ATO 1

**Paula:** Você, quando era criança, adolescente, você teve o sonho de casar alguma vez, assim, você chegou a pensar nisso?

**Laura:** Então quando a gente é criança, adolescente, as pessoas botam esse sonho na nossa cabeça, né? Então eu lembro quando eu tinha 12 anos, eu falei: se eu casar um dia vai ser na praia...

**Paula Scarpin:** Essa é a Laura. E, desde essa época, aos 12 anos, ela não pensava mais em casar.

**Laura:** Hoje eu vejo mais como um contrato, mas eu sei que tem um valor simbólico muito forte para muita gente.

**Paula Scarpin:** Pra muita gente. Inclusive pro pai da Laura.

**Laura:** Porque meu pai queria um casamento tradicional.

**Paula Scarpin:** Acontece, né? Não devia, mas acontece nas melhores famílias. É muito difícil a gente encontrar pais que não criem expectativa sobre o que eles querem pros filhos: que eles façam faculdade disso ou daquilo, que eles prestem um concurso... que eles casem, que eles tenham filho...

Tem família que pressiona mais.

Tem família que pressiona menos.

A família da Laura não era de pressionar.

Tanto que esse desejo do pai dela pegou ela totalmente de surpresa.

**Laura:** O meu pai, ele tinha muitos problemas de saúde, tinha a saúde super delicada, e quando começou a pandemia ele começou a ficar com a saúde mais debilitada, né, ele pegou Covid logo no início e ficou muito tempo internado. E ele já estava com quase 80 anos. E aí eu fui botar para dormir um dia, e ele olhou para mim e falou assim: "Laura, eu não vou estar vivo para te ver casar".

**Paula Scarpin:** Dependendo de quão dramática a sua família seja, talvez você esteja com uma pulga atrás da orelha, pensando que talvez o pai da Laura tava fazendo um joguinho de consciência, uma chantagenzinha... mas não era isso. Ele realmente tinha mesmo muitos problemas de saúde.

**Laura:** O meu pai, ele teve um AVC em 1996, eu tinha três anos, e foi uma coisa muito louca. Os exames dele, o eletroencefalograma na época, ele mostrava o cérebro de uma pessoa em coma. Então as pessoas achavam que ele não ia voltar a andar, que ele não ia voltar a falar. E foi um milagre, assim, ele voltou a ter uma vida praticamente normal. E aí de lá para cá ele foi diagnosticado. Na verdade, ele foi diagnosticado com o que se chama síndrome antifosfolípideo. É uma doença que o corpo cria trombos.

**Paula:** De trombose?

**Laura:** De trombose. Pode ser no dedo ou pode ser no cérebro, fazendo o AVC. Mas ele foi muito medicado durante a vida toda.

**Paula Scarpin:** Quer dizer: quando o pai dela foi internado com Covid, ele era super grupo de risco.

**Laura:** E aí ele teve infecção urinária, teve fecaloma, teve pneumonia... então ele foi ficando debilitado, e os médicos davam antibióticos para ele... e os antibióticos foram ficando mais pesados, mais pesados, mais pesados. E aí no final ele zerou os antibióticos. É, então foi um filme de terror, assim, o que a gente viveu.

**Paula Scarpin:** A Laura tem dois irmãos bem mais velhos, do primeiro casamento do pai – ela é tipo "raspinha de tacho", assim...

E, sei lá, se um dia eu tiver um filho, eu queria que ele falasse de mim que nem a Laura fala do pai dela.

**Laura:** Ele é muito amor, assim, muito amor. Ele era um cientista genial. Ele descobriu o magnetismo das tintas. Então ele fez um trabalho incrível de fazer impressões digitais de quadros, vendo, com uma máquina que chama "squid", o magnetismo das tintas. Então, se você tem um quadro de um pintor que vai para outro museu, você precisa saber se esse quadro que chegou no museu é aquele verdadeiro ou então uma réplica. Então, visualmente isso é meio difícil, porque as pessoas fazem réplicas de quadros. Às vezes fazem a réplica exatamente igual, mas a impressão magnética das tintas você consegue diferenciar os dois quadros. Você consegue isso tendo a impressão digital do quadro original. Você consegue ver se o outro é o original ou se é um falso.

**Paula:** Nossa, que complexo! Essa área é o quê? Química? Física?

**Laura:** Física.

**Paula Scarpin:** O nome dele, se você quiser procurar esses estudos, é Paulo Edmundo de Leers Costa Ribeiro. Eu vou deixar esse das tintas lá no site da Rádio Novelo.

**Paula:** Que interessante! Você trabalha com isso?

**Laura:** Não, não sou física. Então, meu pai queria um filho físico, mas nenhum filho virou físico. Eu não sei nada de física. Eu trabalho com linguística, letras, literatura também.

**Paula Scarpin:** A Laura já tinha saído de casa, morava sozinha, mas ela tava sempre por perto pra ajudar a mãe nos cuidados com a saúde do pai...

**Laura:** Mesmo morando sozinha, eu ficava na verdade mais no hospital e também na casa dos meus pais do que lá em casa.

**Paula Scarpin:** Isso num período normal, dos problemas de saúde que ele tinha sempre. Quando foi na época dessas internações da Covid e todas as complicações, então, a Laura largou tudo pra ficar com o pai dela.

**Laura:** eu sempre ficava na internação com ele, de 6 a 18 horas por dia no hospital, dormia no hospital.

**Paula Scarpin:** Bom, daí tava lá a Laura dedicada, tentando trazer qualquer conforto pro pai dela... botando ele pra dormir... e ele manda essa:

**Laura:** "Laura, eu não vou estar vivo para te ver casar". Com os olhinhos assim meio marejados. E aí, aquilo me tocou muito o coração, né. Eu falei para ele: "Pai, nem eu vou estar viva para me ver casar!" Aí ele riu.

**Paula Scarpin:** A Laura era tão decidida de que casamento não era uma coisa pra ela, que essa resposta já saiu quase que automática. Mas aqueles olhinhos marejados mexeram com ela.

**Laura:** E aí, desde esse momento, eu comecei a planejar meu casamento. Falei: "Meu pai vai me ver casar". Eu fiquei tão preocupada, mas tão preocupada porque ele estava realmente – os médicos, os plantonistas vinham falar com a gente: "Nossa, eu tô muito preocupada com a situação do seu pai. Ele tá num estado gravíssimo, assim". E eu pensei [...] vou me casar aqui agora.

**Paula:** No quarto do hospital.

**Laura:** Aqui, agora. Eu boto uma roupa branca e vou me casar. Eu pensei em fazer isso, mas ele conseguiu se recuperar. Ele – a gente chama ele de Highlander, na família. Porque ele é muito forte e consegue se recuperar de coisas muito, muito, muito fortes.

**Paula Scarpin:** Isso aconteceu em 2020, primeiro ano da pandemia. A Laura não queria esperar muito tempo, então ela começou o planejamento já, ali no hospital. O pai dela tava se recuperando, não precisava fazer tão no susto, dava pra ela se planejar um pouco.

**Laura:** Então comecei a planejar o casamento para ele me ver casar... aí eu decidi fazer no meu aniversário. Então foi como se fosse um aniversário – tema: casamento.

**Paula Scarpin:** A Laura faz aniversário em abril, e a meta então virou: casar em abril de 2021.

**Laura:** E aí, eu ficava lá no hospital vendo no Pinterest coisas de casamento, decidindo o vestido, decidindo a roupa, a comida, tudo. Então comecei a planejar o casamento para ele me ver casar.

**Paula Scarpin:** Ok, se você entende minimamente como é que funciona um casamento, talvez cê teja sentindo falta de um "detalhe".

**Laura:** Quando eu decidi casar, eu falei: "Bom, agora eu tenho que arranjar um noivo", né? Que é um pouco oposto, né? As pessoas têm um noivo e depois pensam em casamento. Eu queria o casamento, agora eu tinha que achar o noivo.

**Paula Scarpin:** Tinha mais um detalhe. A Laura tava namorando na época. Ela tava namorando uma garota.

**Laura:** Ele nunca soube. Nunca soube. Eu até pensei também em chamá-la pro casamento. Mas aí vai uma pressão um pouco mais forte, uma coisa de mentira que poderia ser de verdade... Pra agradar meu pai, que é um pouco mais tradicional...

**Paula Scarpin:** No meio daquele furacão de Covid, internações, a Laura não queria trazer mais um elemento pra essa equação do casamento. Toda uma conversa que ela ia ter que trazer pra família, num timing que ela não tava sentindo que era o certo... e, afinal, dentro do relacionamento que ela tava vivendo, que era de verdade, o timing também não era já o de oficializar a coisa, de casar.

**Laura:** Meu pai nem sabia, assim, e era sobre ele. Não era sobre mim e não era sobre o meu casamento. Era sobre deixar ele feliz. Então não era sobre casar com alguém. Casamento nunca foi sobre eu casar com alguém, e sim fazer alguma coisa aos olhos do meu pai que ele ficasse feliz.

**Paula Scarpin:** Beleza. Não era o caso de trazer a namorada de verdade pra essa cerimônia. Mas aí a gente volta também pra estaca zero.

**Laura:** "Bom, agora eu tenho que arranjar um noivo".

**Paula Scarpin:** E aí, a Laura começou a pensar quem seria o noivo ideal. Pra começar, seria bom que fosse alguém familiar...

**Laura:** Alguém familiar, né?

**Paula Scarpin:** Alguém com quem ela nunca tivesse tido nenhum envolvimento amoroso, nenhum casinho, nada que pudesse misturar as coisas...

**Laura:** A gente nunca namorou.

**Paula Scarpin:** E aí, ela chegou num nome...

**Laura:** Olha, o Greg, acho que é o único maluco suficiente para topar.

**Paula:** Por que você acha que ela te escolheu?

**Gregório:** Talvez eu fosse a pessoa doida o suficiente para aceitar. Talvez outra pessoa. Alguma pessoa que leve mais a sério isso talvez não aceitasse. Então viu que eu também não tenho grande apego. Então ela foi – foi certa.

**Paula Scarpin:** A Laura foi certa no Gregório.

**Gregório:** Eu sou Gregório Ventura, eu sou jornalista, eu trabalho com maconha, tenho uma editora de livros que fala sobre sobre cannabis no geral, sobre vários usos... Chama Editora Vista Chinesa.

**Paula Scarpin:** "Vista Chinesa", que é um mirante no Alto da Boa Vista, aqui no Rio de Janeiro... e uma das subidas pra esse mirante é pelo bairro do Horto, onde ele e a Laura moram.

**Gregório:** A gente é amigo desde adolescente, bastante tempo. Se conheceu meio que no bairro, aquela coisa de que acontecia quando as pessoas, sei lá, tavam mais na rua, talvez. A gente vive outro tempo, né? Talvez essas coisas, não sei se as pessoas conhecem assim.

**Laura:** sim, a gente é vizinho, a gente é vizinho e meus pais conhecem Greg desde sempre. Ele conhece meus pais. Então a gente tem muita história, assim. Ele é um amigo muito querido desde muito tempo.

**Paula:** As famílias eram amigas também?

**Gregório:** Sim, as famílias não eram próximas, mas se conheciam. As famílias acabam, acabam se conhecendo. E... Mas claro, o pessoal da minha família sabia da situação de saúde dele e tal. E também acredito que o pessoal da minha família tem desencanado com essa coisa de casamento. Eu nunca fui uma pessoa assim, com esse desejo matrimonial, essa vontade enorme de casar.

**Paula Scarpin:** Esse também era um detalhe importante. O Greg tava na mesma página da Laura com relação a casamento.

**Laura:** e ele não leva as coisas a sério. Ele leva as coisas a sério, óbvio. Mas ele tira o peso da seriedade das coisas. Eu acho que isso é muito legal. Eu acho que por isso que ele topou também embarcar nessa aventura, né? Casamento às vezes pode ser uma coisa muito solene. Ele consegue tirar o peso dessa seriedade.



**Gregório:** é mais um motivo pra juntar os amigos, fazer uma grande festa, todo mundo comemorar, aproveitar... colocar todo mundo na beca também, encontrar os amigos, todo mundo arrumadinho...

**Paula Scarpin:** Bom, então já tinha noivo... já tinha data... quer dizer...

**Laura:** Pensei em fazer em 2021, mas como ainda estava com muito essa questão da Covid e as pessoas podiam não ir e ainda estava um pouco recente e decidi esperar um pouco.

**Paula Scarpin:** Como o pai da Laura tava de volta em casa, ela decidiu esperar um pouco e passar a festa pro ano seguinte. Pro aniversário dela de 2022. Então, de novo: tinha noivo, tinha data... faltava lugar. Aí ela lembrou daquela ideia da Laura de 12 anos.

**Laura:** Eu pensei em fazer na praia, mas na praia, com a cadeira de rodas de meu pai, seria um pouco difícil.

**Paula Scarpin:** É, praia não dava.

**Laura:** Minha madrinha tem uma casa em Santa Teresa que é linda e maravilhosa. E eu pensei porque é um lugar assim, que parece realmente um lugar de casamento. E então eu pensei em fazer lá. Eu falei com ela. Ela ficou bem ressabiada, assim, falou: "Como assim casamento, mas não é de verdade. Mas você vai fazer aqui, mas e se ele não gostar? Mas..."

**Paula Scarpin:** "E se ele não gostar?" Ele, no caso, o Paulo. O pai da Laura.

**Laura:** todo mundo ficou muito preocupado com como meu pai ia reagir e até pensando se podia ser alguma coisa para o lado mais negativo, né, "Ai, cê tá mentindo, né, que cê vai casar". Alguma coisa assim. Como é que cê vai levar isso? "Você vai mentir para ele? Cê vai falar que o casamento é de verdade?" Eu falei: "Não. Todo mundo sabe que é mentira". E eu fiquei muito nessa dúvida de como eu abordava isso com meu pai, né? Tipo: "Ah, vou casar." Mas eu fui sincera. Eu falei: "Ó, pai, eu vou casar para você me

ver casar. Vai ser o meu aniversário pra gente comemorar... uma comemoração... um aniversário tema casamento.

**Paula:** E ele?

**Laura:** E ele ok, embarcou na idéia. Minha mãe também. Não entenderam muito a princípio. Todo mundo ficou meio assim. Mas... é uma coisa para ver, né? Tem aquele ditado, né, "o que os olhos não veem, o coração não sente". O que os olhos vêem, o coração sente. Então era mais essa questão de ele me ver casar. Então ele ia me ver casar. E eu sabia que aquilo ia deixar ele emocionado.

**Paula Scarpin:** A Laura tinha bons argumentos. E a madrinha acabou topando.

**Laura:** e acho que ela não botou muita fé também, porque eu ia fazer tudo sozinha. Ela falou: "Isso não vai dar certo". Eu falei: "Não, vai dar certo!" E aí acabou que deu muito trabalho.

**Gregório:** E ela, poxa, isso aí, pô, tem que exaltar o trabalho da Laura também, que ela organizou a parada quase inteira. Ela quis fazer um menu vegetariano. E aí ela preparou tudo, planejou tudo, fez tudo, tudo sozinha, com tudo, com todo o cuidado. Assim, estava tudo muito bom, muito bonito, assim, mesa de casamento, né, cara, mesa de casamento.

**Laura:** Fiz bastante coisas que eu nem lembro mais o que eu fiz, mas. Foi um sucesso. Todo mundo amou a comida. Recebi vários elogios, inclusive de quem não era vegetariano, que estava muito bom.

**Gregório:** Por ser um casal não convencional, acabar sendo um casamento pouco convencional, a gente, poxa, fez uma festa de casamento bem, casamento mesmo. E a gente fez uma decoração com folhas, com flores. Tentou fazer uma decoração bonita, mas também não exagerada em fazer uma coisa bem, mas. Mas com, com todas aquelas coisas que o casamento costuma ter. Sabe aquela parte para você assinar e dar um recado para os noivos? Tem um bufêzinho, depois um vira o, depois vira um jantar, uma coisa assim. E todo mundo com aquela roupinha, roupinha de casamento, a

gente mandou no convite. Teve uma pessoa que achou que era brincadeira e foi de calça jeans.

**Paula Scarpin:** O gaiato que apareceu de calça jeans não foi barrado na porta, porque ele calhava de ser justamente o responsável pelas fotos da festa. Fotos muito lindas, aliás. Tem algumas lá no site da Rádio Novelo.

Mas esse cara da calça jeans leu no convite "casamento fake", e acabou não entendendo que o dress code de "todo mundo na beca", como os noivos queriam... Sabe como é, hoje em dia é difícil quem lê o texto inteiro.

**Gregório:** Ué você e a Laura??

**Paula:** Né, de onde veio isso?

**Gregório:** De onde veio e... e algumas faziam "Hmmm, sabia que vocês dois... hmmm."

**Paula Scarpin:** Teve gente, por exemplo, que pulou a palavra "fake", e acreditou que era casamento de verdade. Mas que que é "de verdade", afinal, né? A Laura e o Greg convidaram um amigo pra ser o mestre de cerimônias do "casamento fake", e ele estruturou o discurso inteiro em cima disso: da noção de verdade. O gaiato da calça jeans não gravou – a missão dele era só tirar foto mesmo – mas eu pedi pra Laura e pro Greg lerem o discurso aqui pra gente.

**Laura:** Verdade. Quando todos receberam o convite para esse casamento, tenho certeza que a maior dúvida que passou pela cabeça de vocês foi: "Ué, mas é de verdade?" Eu fiz essa pergunta a Laura. E sabe o que ela me respondeu? "Não, mas é."

**Gregório:** "Não é, mas é" talvez uma das frases mais filosóficas que eu já escutei. Mas aí eu pergunto o que é de verdade? Fui estudar a fundo a concepção de verdade e descobri que ela evolui através dos tempos. No passado definimos como verdade aquilo que podemos ver.

**Laura:** mas os átomos são de verdade e não podemos ver, por exemplo. A definição, então, teve que evoluir. Verdade passou a ser tudo aquilo que podemos sentir.

**Gregório:** mas a radiação não podemos sentir e ela existe de verdade.

**Laura:** Atualmente, a definição de verdade é tudo aquilo que de alguma forma impacta alguma coisa.

**Gregório:** Agora eu pergunto: essa cerimônia é de verdade?

**Laura:** Se você perguntasse para um transeunte 500 anos atrás, ele diria que sim. Ele estava vendo uma cerimônia de casamento.

**Gregório:** Se você perguntasse para alguém no início do século XX e também diria que sim, você conseguia sentir a cerimônia acontecendo.

**Laura:** E se você perguntar para um filósofo moderno do século XXI, ele continuará afirmando que é verdade. Pois, de alguma forma, esse momento está impactando todos nós.

**Gregório:** E em tempo de fake news, pró-verdades e afins, são poucas coisas que eu poderia afirmar que são tão verdadeiras quanto esse momento. Então cabe a todos nós, amigos e amigas dos noivos, sermos muito gratos a eles por compartilhar essa verdade conosco.

**Paula Scarpin:** É difícil dizer o que foi que o Greg e a Laura realmente fizeram naquele dia. Se aquilo foi ou não um casamento. Porque casamento não é um conceito estável. Pra algumas pessoas, só conta se casar na igreja (mas de qual igreja a gente tá falando, né?). Pro governo, tem que ter a papelada do cartório, ou não é de verdade. Mas tem muitas tradições, cerimônias que unem duas pessoas, que não passam nem pela igreja, nem pelo estado. São rituais, passos que a gente segue porque alguém seguiu antes da gente, porque ficou gravado em algum canto do universo que é assim que duas pessoas confirmam que se amam. Ou então a gente inventa algum rito, alguma coreografia. Uma cerimônia é isso, uma série de atos simbólicos. Pros olhos verem e pro coração sentir. Não faltou verdade nessa festa. Os amigos foram em peso, as famílias também.

**Gregório:** Puxa, a minha mãe puxa, ela se amarrou, ficou muito feliz, muito empolgada, se arrumou toda, ficou bonitaça, e aproveitou bastante.

**Laura:** Minha mãe estava do lado da mãe do Greg e ela estava de mãos dadas e chorando. Minha mãe estava cheia de lágrimas. Outra amiga minha também virou um panda. A maquiagem dela desceu toda, toda, teve que refazer a maquiagem. Todo mundo amou, todo mundo chorou muito, se emocionou muito. Foi muito emocionante.

**Gregório:** Então eu senti ele poxa, super feliz, comendo bolo lá, tomando uma cervejinha. Estava com— com a esposa dele, com o cuidador dele, todo mundo dançando. Ele estava lá. Senti que ele estava— estava curtindo o momento. A mãe dela estava extremamente empolgada, estava super feliz, super brincando. Sim, super se divertindo. Também vi ela num momento muito, de muito, de muita, muita euforia mesmo muito, muito empolgação. E ela e o pai.

**Laura:** Aí, minha prima – que é minha irmã maravilhosa, Manoela – ela levou ele na cadeira e me levou pro altar. Então ele teve esse momento de deixar a filha no altar e fazer um casamento de verdade.

**Gregório:** Poxa, deve ter sido um dos únicos— das últimas festas da vida dele. Um dos últimos passeios assim, talvez, assim de... Um grande encontro com família, com amigos. Deve ter sido o último da vida dele, né, então... Meio que todo mundo sabia um pouquinho que era isso que estava acontecendo.

**Paula Scarpin:** O pai da Laura, o físico Paulo Edmundo de Leers Costa Ribeiro, morreu no dia 5 de março de 2023. Quase um ano depois dessa festa.

**Laura:** Ele acabou falecendo em casa com cuidados paliativos. A gente tentou dar todo amor e carinho para ele. Até o último momento.

**Paula Scarpin:** O casamento foi só a coroação de todo esse amor e carinho.

**Laura:** Eu acho que ele sentiu que estava vendo a filha casando, e sentiu a realização de um sonho. É muito bom você ver nos olhos de alguém que você ama, que você permitiu que essa pessoa realizar esse sonho dela. É tão especial.

**Paula:** É você sentiu que mudou alguma coisa entre vocês. Você e Greg, então, por causa...

**Laura:** Várias piadas excelentes, sobre a nossa relação é 100% amigo, sempre será, mas a gente tem muita piada muito boa agora, né? Então... Ah, qualquer coisa desde: "Ah, te espero em casa", "Ah, não demora"...

**Paula:** E se você começar um relacionamento, você vai falar: "Então eu preciso te contar que eu sou casado".

**Gregório:** Ah, mas eu falo isso sempre para as crushes, claro. [...] Eu falo: "Poxa, eu já fui casado". Acabo entrando na história.

**Laura:** Bom, eu adoro falar isso que eu casei, mas eu não sou casada. Então eu casei, mas não sou casada, não divorciei.

**Paula Scarpin:** O Greg diz que já foi casado, a Laura que não é casada... E eles vão continuar assim.

**Laura:** Deu muito trabalho. Não vou mais casar...

**Paula:** Primeira e última experiência.

**Laura:** Primeira e última, tá ligada? Dá trabalho demais.

---

**Branca Vianna:** Essa foi a Paula Scarpin, diretora de criação da Rádio Novelo.

A segunda história de hoje envolve atores, cenários, câmeras, roteiros e tramas completas. Mas nem por isso fica mais fácil da gente enxergar onde é que os dois

mundos – o das pessoas e o dos personagens, o dos criadores e o das criaturas – onde eles começam e onde eles terminam.

Quem conta essa história é a Bia Guimarães.

---

## ATO 2

**Bia Guimarães:** *Para. Não escuta essa história. Sério, é melhor você parar de ouvir esse episódio agora. Presta atenção no que eu tô falando, cê vai se arrepender. Ah, não vai parar? Vai ficar aí? Tem certeza? Beleza, mas não diz que eu não avisei.*

**Bia Guimarães:** Parece até um aviso de gatilho mal educado, né? Mas eu tô só tentando começar essa história do jeito que eu acho que o Mojica começaria, se isso aqui fosse um filme dele. Mojica, no caso, o José Mojica Marins.

Talvez logo de cara fosse aparecer uma personagem meio bruxa tentando te fazer desistir da sessão...

**[Segunda maldição de "À meia-noite levarei sua alma"]**  
**Bruxa/cigana:** *Guardem bem essas palavras. [...] Não assistam a este filme. Vão embora! [risada maligna]*

**Bia Guimarães:** ...ou ia aparecer o próprio Mojica, vestido de Zé do Caixão, rogando uma praga em você.

**[Primeira maldição inicial de "À meia-noite levarei sua alma"]**  
**Zé do Caixão:** *"Porque a alma que será levada para uma dimensão desconhecida pode ser A SUA! A sua, ou a sua!"*

**Bia Guimarães:** Eu cresci achando que o Zé do Caixão era só um personagem esquisito que de vez em quando dava as caras nos programas de TV.

Às vezes mostravam ele saindo de um caixão, ou mexendo com aranhas caranguejeiras. Sempre com cartola, capa preta, e aquelas unhas muito compridas. Era uma figura até meio boba, que apesar do look macabro, não chegava a botar medo. Quer dizer, o Zé do Caixão botava sim medo em muita gente. Mas principalmente gente de gerações mais velhas. Gente que conhecia aquele homem de outros tempos.

**André:** Pessoas trocavam de calçada. Entrei no avião com ele uma vez para ir, não me lembro pra onde era, umas quatro ou cinco pessoas quando viram que era ele que entrou no avião chamaram a coisa e pediram pra sair do avião.

**Bia Guimarães:** Esse é o André Barcinski.

**André:** Meu nome é André Barcinski, tenho 55 anos, sou jornalista e autor de agora oito livros e documentarista.

**Bia Guimarães:** Um desses livros que ele escreveu – junto com o Ivan Finotti, que também é jornalista – foi a biografia "Maldito: a vida e o cinema de José Mojica Marins, o Zé do Caixão". O livro é de 1998. O Barcinski passou anos entrevistando o Mojica e todo mundo em volta dele. E eles acabaram ficando amigos.

**André:** Não tem um dia que eu não pense nele, assim... Eu sinto muita falta dele.

**Bia Guimarães:** Nos últimos tempos eu fiquei meio obcecada com o Mojica. Eu já tinha ouvido de amigos cinéfilos que os filmes dele eram obrigatórios, ainda mais pra quem adora terror, tipo eu. Mas eu não dava muita bola. "Pô, assistir filme de Zé do Caixão? Sei lá..." Até que um dia, num lembro muito bem o porquê, eu comecei a pesquisar sobre diretores de cinema brasileiros que mais tinham sofrido censura na época da ditadura militar. E lá tava ele: José Mojica Marins.

**André:** Ele foi o cara mais, um dos caras mais prejudicados pela, pela censura.



**Bia Guimarães:** Eu fiquei meio surpresa, não vou negar. O que que os filmes do Mojica tinham de tão subversivo pra incomodar a ditadura? Cemitério? Aranha? Sangue de mentira? E aí, nessa mesma pesquisa, eu vi que um dos filmes dele tinha sido completamente proibido, interditado pela censura. Uma obra produzida entre 1969 e 1970 chamada "O Ritual dos Sádicos". Ninguém podia ver aquele filme maldito. E pra piorar – ou melhorar –, eu li que policiais de verdade tinham participado das gravações. Talvez até um famoso torturador da ditadura. Um filme que logo depois, numa ironia do destino, ia ser barrado pelo governo militar. Bom, se eu tava precisando de um motivo pra mergulhar na obra do Mojica, agora eu tava totalmente fisgada. Tem propaganda melhor prum filme de terror do que alguém te falar que é melhor você não ver? Que você vai se arrepender de ter assistido? Ainda mais se essa crítica vier diretamente dos censores da ditadura, né? É play na hora.

***[Abertura de "O Ritual dos Sádicos"]***

***Zé do Caixão: [Estrondo] O meu mundo é estranho...mas é digno de todos que o queiram aceitar...***

**Bia Guimarães:** Mas conforme eu fui entrando e cavando mais fundo no estranho mundo do Mojica e do Zé do Caixão, eu comecei a me sentir numa areia movediça de perguntas. A ponto de já não saber direito onde acabava o criador e começava a criatura. O que cada um pensava. E o que eles queriam dizer com tudo aquilo que tavam mostrando na tela. Se esse mundo era subversivo, ou se era careta... se era de ficção, ou de realidade.

***[Abertura de "O Ritual dos Sádicos"]***

***Zé do Caixão: [...] coisas estranhas, mas não mais estranhas do que VOCÊ!***

**Bia Guimarães:** Pera, mas antes de eu te puxar pra dentro dessa areia movediça e de continuar falando do "Ritual dos Sádicos", deixa eu dar um contexto rapidinho do que tava rolando naquela época. O primeiro filme de terror do Mojica foi "À meia-noite levarei sua alma", de 1964.

***[Monólogo de "À meia-noite levarei sua alma"]***

***Zé do Caixão: O que é a vida? É o princípio da morte...***

**Bia Guimarães:** É nesse filme que o personagem do Zé do Caixão aparece pela primeira vez. Na verdade, o protagonista desse filme chama Josefel Zanatas, mas o apelido dele é Zé do Caixão porque ele é um agente funerário.

***["A meia-noite levarei sua alma"]***

***Zé do Caixão:*** *Este enterro me deu uma fome...*

**Bia Guimarães:** E o Mojica conta que a imagem daquele homem sinistro vestido todo de preto nasceu de um pesadelo que ele teve pouco antes de fazer esse filme. A trama se passa numa cidadezinha de interior não identificada, e não tem um recorte temporal muito claro. Mas tem um certo clima caipira. Inclusive alguns pesquisadores chamam esse estilo do Mojica de "horror caipira".

***["À meia-noite levarei sua alma"]***

***Zé do Caixão:*** *Olhe, estou saturado desse povo do mato.*

**Bia Guimarães:** E esse personagem do Sr. Zanatas/Zé do Caixão, que é interpretado pelo próprio Mojica, é um vilão. Ele arruma briga no bar, ele ataca as mulheres, ele zomba de todo tipo de crença e religião, fala uma blasfêmia atrás da outra, e faz questão de comer carne na Sexta-feira Santa enquanto assiste a procissão.

***["A meia-noite levarei sua alma"]***

***Lenita:*** *Cuidado, Zé! O diabo penca (?)*

***Zé:*** *Se eu o encontrar, vou convidá-lo para jantar.*

**Bia Guimarães:** E na trama, o que ele quer é encontrar a mulher que vai dar pra ele "o filho perfeito". No caso, o "filho perfeito" aqui tem a ver com crença – ou de descrença. Perfeito, pro Zé, é quem também não crê em Deus e nem em nada supersticioso. E ele quer ter esse filho pra tocar adiante o legado macabro dele depois que ele morrer, já que ele não acredita em nada além da "carne e no sangue".

***["À meia-noite levarei sua alma"]***

**Zé:** *Qual o valor da vida se não há um filho para a continuidade do sangue?*

**Bia Guimarães:** Bom, e resumindo muito, o Zé faz do ruim e do pior pra tentar alcançar o objetivo dele. Espanca, tortura, estupra, mata... E no fim, as almas das pessoas que ele matou voltam do além pra se vingar dele. Esse filme foi um sucesso lá em 64. Era cinema popular, terror com cara de Brasil. As pessoas faziam fila de virar quarteirão pra ver na telona os medos que faziam parte do cotidiano delas. O Mojica não teve nenhuma educação formal em cinema, ele era um autodidata. E ele ficou conhecido por fazer filmes com pouca grana. Ele chamava gente comum e até os pais dele pra interpretar papéis; gravava tudo o mais direto possível pra não gastar muita fita; montava cenários elaborados em sets improvisados; e usava truques, digamos, artesanais pra criar os efeitos visuais. Tipo colar purpurina no próprio negativo do filme pra dar uma aura especial nos fantasmas. Beleza, isso foi só pra te dar uma ideia de como nasceu o Zé do Caixão e de como o Mojica se lançou no terror. Mas vamo voltar pra censura, que afinal foi o que me físgou pra esse mundo.

Em 64 tava começando a ditadura militar no Brasil. E isso significava que a censura – que já existia antes – podia ficar ainda mais apertada.

Antes de um filme ser liberado pra passar no cinema, ele passava pela mão do SCDP, o Serviço de Censura de Diversões Públicas. E o trabalho dos censores era analisar a obra prestando atenção em qualquer detalhe desviante. Qualquer coisa que não estivesse de acordo com a moral e os valores que o governo impunha. E isso não necessariamente tinha a ver com mensagens políticas.

Por exemplo, eles podiam implicar com as cenas em que os personagens praticavam "ações negativas", entre aspas. Especialmente se essas "ações negativas" não fossem devidamente punidas, ou fossem até recompensadas de alguma forma.

**Gian:** Quando sai "À meia-noite levarei sua alma", de 64, ele logo é liberado e o censor super elogia o filme.

**Bia Guimarães:** Esse é o Giancarlo Couto. O Gian faz doutorado na PUC do Rio Grande do Sul.

**Gian:** E no meu doutorado eu trabalho com os relatórios de censura à obra do Mojica.

**Bia Guimarães:** O Gian tava me contando que a princípio os censores não tiveram problema nenhum com o primeiro filme do Zé do Caixão. Pelo contrário, eles acharam até divertido. Mas essa calma não durou muito. Não ia demorar pro Mojica começar a ter problemas não só com os filmes, mas também com as revistas e os programas de TV que ele fazia. Isso ficou claro em 67, quando ele lançou "Esta noite encarnarei no teu cadáver". Que é a continuação do "À meia-noite levarei sua alma".

**[Cont. "Esta noite encarnarei no teu cadáver"]**

**Zé do Caixão:** "O povo continua o mesmo. Ignorante. Supersticioso. Inferior..."

**Gian:** Em 67, quando sai "Essa noite encarnarei no seu cadáver", já é uma visão completamente diferente. Os censores começam a se referir ao Mojica como louco vários personagens são uns loucos, tarados, anormais.

**Bia Guimarães:** O relatório da censura dizia que o filme só ia ser liberado pros cinemas se a produção cortasse algumas das cenas mais pesadas. E ainda dizia assim: "Modificar o final do filme na hora em que Zé do Caixão cai no pântano onde havia matado as moças, nos dizeres em que ele diz não acreditar em Deus. Deverá ser modificado para uma mensagem positiva da crença em Deus."

A censura tava pedindo basicamente que o personagem virasse do avesso e dissesse uma coisa que ele jamais diria. Era um absurdo. Mas era o único jeito do filme conseguir circular. Como o filme tava pronto, e não tinha como mudar, eles regravaram só a dublagem das falas finais.

**[Mojica no Roda-viva]**

**Mojica:** O personagem é um ateu, ele morre não acreditando...

**Bia Guimarães:** O Mojica lembrou dessa história quando ele foi entrevistado no Roda-viva, da TV Cultura, em 98.

***[Mojica no Roda-viva]***

***Mojica:*** Então o Zé do Caixão tá afundando – que ninguém entendeu –, ele tá afundando "Eu não creio, eu não creio!". Daqui a pouco ele diz "Eu creio, padre! A CRUZ (risos)".

***[Trecho de "Esta noite encarnarei no teu cadáver"]***

***Zé do Caixão:*** "Deus, eu creio em tua força! Salvai-me!"

**Bia Guimarães:** Já no filme "O Estranho Mundo de Zé do Caixão", que foi lançado no ano seguinte, em 68, o Mojica teve até que fazer um final alternativo. Os censores não curtiram muito o fato de que o vilão – que aqui não era exatamente o Zé do Caixão, mas sim um professor chamado Oaxiac Odez (um nome que se você ler ao contrário fica Zé do Caixão) – enfim, os censores não curtiam o fato de que o vilão fazia um monte de barbaridades e depois não era punido.

**Bia Guimarães:** Aqui de novo o Barcinski, um dos biógrafos do Mojica.

**André:** porque o Zé do Caixão vencia no filme, né, vencia no final. E o censor falou "não, o Zé do Caixão tem que morrer no fim. Senão eu não libero o filme".

**Bia Guimarães:** A última cena mostrava o professor Odez tranquilamente devorando um pé humano, super satisfeito com seu banquete canibal.

***[Mojica no Roda-viva]***

***Mojica:*** [...] um banquete canibal, né. De repente vinha a palavra "Fim", mas aí, eles já tinham tirado mais de vinte minutos, falaram "você tem que mudar o fim. O mal tem que acabar."

**Bia Guimarães:** O Mojica não tinha nem dinheiro nem tempo pra refazer a cena. Então surgiu a ideia de recortar o final de um filme egípcio chamado "Um homem em nossa casa", que acabava com umas explosões.

**André:** ... explosões e colou no final do "Estranho Mundo de Zé do Caixão", com uma legenda do tipo "Zé do Caixão morreu", alguma coisa assim.

**Bia Guimarães:** Na verdade, vem a cena do banquete canibal, aí aparece "Fim". Aí corta pra sequência de explosões. Depois aparece um trecho da bíblia.

E aí vem de novo na tela "Fim". Ufa.

***[Mojica no Roda-viva]***

**Mojica:** Então é a única fita no mundo que tem dois fim.

**Bia Guimarães:** Tava ficando complicado pro Mojica. O cinema que ele queria fazer não era o cinema que o governo militar queria que as pessoas vissem. Repressão e tortura na vida real? Pode! Violência na ficção? Não pode! Isso porque não tinha nada ali de revolucionário em termos de ideologia política. Imagina se tivesse. Mas não era só a censura que descascava os filmes dele. Boa parte da crítica da época também.

**André:** Era uma época em que o cinema brasileiro estava tentando, entre aspas, se profissionalizar. A gente tinha aquela coisa de um certo complexo de inferioridade. "Ah, o cinema americano vem aqui, eles tem um som muito bom, uma fotografia maravilhosa, não sei o que". E aí tem um semi-analfabeto da Vila Anastácio que está fazendo um filme e dá 3 milhões de espectadores (risos). Deve ter sido difícil para muitos críticos engolirem.

**Bia Guimarães:** Quando o Barcinski chama o Mojica de semi-analfabeto, não é em tom de deboche. O próprio Mojica costumava falar dessa dificuldade que ele tinha com as palavras. Só que em vez do Mojica negar o que os críticos e os censores diziam dele – que ele era "louco", "maldito" –, ele aos poucos foi abraçando esses rótulos. Afinal, ser louco, maldito e censurado até que não caía mal prum diretor de terror. Então o cenário da época era basicamente uma versão daquele meme do "fulano não tem nada, mas ele tem o povo", sabe? O Mojica não tinha a simpatia da censura e nem da imprensa, mas ele tinha... o povo.

**André:** no fim de 68, ele é um dos, talvez o cineasta brasileiro de maior sucesso. [...] Ele chegou a ter três ou quatro filmes em cartaz ao mesmo tempo em São Paulo

**Bia Guimarães:** Os cinemas lotavam pra ver os filmes dele. Ele ganhou um programa na TV Tupi, também chamado "O Estranho Mundo de Zé do Caixão". Tinha também as revistas em quadrinho, que faziam o maior sucesso. Entre outras coisas menos... convencionais.

**André:** Uma empresa fez cosmético chamado Mistério, que ele fazia a divulgação, então ele tinha fortificante pra unha... Ele virou uma entidade, basicamente, né?

**Bia Guimarães:** Até que a gente chega ali na virada pros anos 70. É nesse ponto que o Mojica lança aquele filme, "O Ritual dos Sádicos". Quer dizer, é nesse ponto que era pra ele ter lançado aquele filme chamado "O Ritual dos Sádicos".

**André:** Todos os outros filmes do Mojica tinham sido cortados, mas exibidos. E aí a censura vê "O Ritual dos Sádicos" e ela proíbe o filme inteiro.

**Bia Guimarães:** Esse foi o primeiro filme do Mojica que o Barcinski viu na vida. Só que foi só em 1986, quando a ditadura já tinha acabado e rolou uma exibição no Rio Cine Festival.

**André:** [...] em Copacabana, numa sessão lotada...

**Bia Guimarães:** O Barcinski tava lá nesse festival, ele tinha 18 anos.

**André:** Eu me lembro de ter ido pra sessão do "Ritual dos Sádicos", Despertar da Besta, sem saber nada do filme. E fiquei louco com o filme. Literalmente eu acho que eu tive uma experiência sensorial nesse filme e o filme me deixou alucinado. Eu nunca tinha visto nada parecido.

**Bia Guimarães:** Esse também foi o primeiro filme do Mojica que o Gian viu...

**Gian:** E logo aquilo ali eu fiquei extremamente impressionado (risos).

**Bia Guimarães:** E também foi o primeiro filme do Mojica que eu vi, meses atrás, quando eu fui atraída por aquela história de que ele tinha sido totalmente interditado, mas que tinha policial de verdade participando das gravações, e tudo mais. E como naquele momento eu só tinha aquela ideia muito superficial sobre o Zé do Caixão, a coisa do cemitério, das unhas, das aranhas... eu fui pega totalmente de surpresa por esse filme. Cada cena ia me puxando mais e mais pra dentro da areia movediça do Mojica, cheia de perguntas e contradições.

**Rubens:** Que é um filme assim que que abordava um tema que era praticamente tabu na época – nós estava em plena ditadura militar –, era tabu na época. Que era as drogas.

**Bia Guimarães:** O Rubens Lucchetti foi parceiro do Mojica em vários trabalhos.

**Rubens:** Estou com 93 anos pra fazer quase 94.

**Bia Guimarães:** E mais de 50 anos atrás, ele foi o roteirista do "Ritual dos Sádicos".

**Rubens:** O argumento que ele me deu, a ideia do "Ritual" foi o seguinte: é um cientista que ele vai, que ele tá participando de uma, de uma, de uma mesa redonda com jornalistas, em que ele está falando uma experiência que ele teve com algumas pessoas, com o Zé do Caixão.

**Bia Guimarães:** Tirando a quantidade surpreendente de peitos – sério, nos filmes do Mojica toda hora tem alguma mulher tirando o sutiã –, "O Ritual dos Sádicos" é bem diferente daquele "terror caipira" que tinha feito o Mojica ficar conhecido. A história se passa na São Paulo daquele período, na virada dos anos 60 pros anos 70. E apesar de ter muita violência, não tem nada de sobrenatural. O filme começa com uma sequência de mini-histórias, sem muita explicação. Numa delas, uns homens assistem extasiados uma mulher tirar a roupa e depois sentar num penico. Na outra, uma garota é levada pra uma casa onde um bando de hippies ficam tocando música, cantando e fumando maconha. A cena se desenrola pra uma orgia que sai do controle e culmina num estupro bem violento da garota, que morre em seguida. Outra história mostra umas pessoas deitadas no chão, injetando drogas,



em close. E tem outras cenas de agressão, sexo, prostituição, polícia prendendo e batendo em gente... e sempre com drogas no meio. Entre uma história e outra dessa primeira parte, aparecem trechos de uma espécie de debate, uma mesa-redonda de televisão.

***[Cenas de "O Ritual dos Sádicos"]***

***Dr. Sérgio:*** Cenas como essa se repetem a cada segundo. [...]

**Bia Guimarães:** Aí a gente entende que, na verdade, é um psiquiatra que tá falando de todas aquelas cenas bizarras pros outros participantes do programa. O Dr. Sérgio é interpretado pelo ator Sérgio Hingst.

***[Cena de "O Ritual dos Sádicos"]***

***Participante:*** Isso é ridículo, Dr. Sérgio. Se tal fantasia e cena partissem de um Zé do Caixão, ainda se poderia admitir. Mas do senhor?

**Bia Guimarães:** E aqui já aparece um dos motivos que fizeram esse filme pirar a cabeça do Barcinski.

**André:** Primeiro, era um filme metalinguístico...

**Bia Guimarães:** Um dos integrantes do tal debate de televisão é o próprio Mojica. Interpretando ele mesmo, sem a fantasia de Zé do Caixão.

***[Cena de "O Ritual dos Sádicos"]***

***Mojica:*** Desculpe, mas Zé do Caixão ficou no cemitério. O senhor está falando com José Mojica Marins.

**Bia Guimarães:** O Zé do Caixão de fato aparece na história, mas só mais pra frente.

**André:** O Zé do Caixão aparecia e o Mojica aparecia também. Quer dizer, o criador e a criatura e o próprio diretor do filme aparecem.

**Bia Guimarães:** E nessas cenas da mesa-redonda de TV tem outra coisa que borra a fronteira entre a ficção e a realidade. É que os outros caras que tão ali no debate não são simplesmente atores, mas sim colegas reais do Mojica fazendo uma ponta no filme. Tavam ali diretores de cinema como Carlos Reichenbach, João Callegaro e

Maurice Capovilla. Nomes do Cinema Marginal, gente que se reunia na chamada Boca do Lixo, no Centro de São Paulo, e representava a contracultura da época. O Ozualdo Candeias, que é considerado o papa do Cinema Marginal, também aparece mais pra frente. Ou seja, tavam ali pessoas que faziam parte de verdade daquele contexto que tava sendo retratado no filme.

**André:** mas isso pra mim já foi uma coisa "nossa". O cara está colocando os amigos dele, do udigrudi, do marginal... Ele está botando essa galera no filme. É incrível isso.

**Bia Guimarães:** Mas voltando pra ficção. O Dr. Sérgio conta aquelas tais histórias bizarras e os outros participantes da mesa acham um absurdo, uma imoralidade sem fim. Então o psiquiatra explica porque que ele tá mostrando aquilo.

***[Cenas de "O Ritual dos Sádicos"]***

***Dr. Sérgio:*** O mundo fecha os olhos e o homem cruza os braços diante do naufrágio total de uma geração.

***Dr. Sérgio:*** Uma bacanal de viciados, num ritual de taras.

***Dr. Sérgio:*** A prova concreta do veneno que representa o tóxico. Um estimulante de taras.

**Bia Guimarães:** Ele tá ali no programa pra falar do problema das drogas – ou dos "tóxicos" como ele diz. Lembrando que o filme se passa num período super sexo, drogas & rock'n'roll. Se nos filmes de "horror caipira" o Mojica explorava o medo do pecado, da blasfêmia e das almas penadas, agora, no "horror da metrópole", ele apontava a câmera pro submundo, praqueles que eram considerados desviados. E até esse ponto, apesar das imagens serem super ousadas e de vanguarda, o clima geral é careta. As drogas são "um veneno", um "estimulante de taras", o "naufrágio de uma geração". O Dr. Sérgio conta que ele fez um estudo pra entender o efeito das drogas nas pessoas. Aí o filme deixa um pouco de lado o debate de TV pra mostrar a saga do experimento.

***[Cenas de "O Ritual dos Sádicos"]***

***Dr. Sérgio:*** Você poderia me arrumar quatro viciados em entorpecentes? [...] Vou fazer uma experiência começando

*com LSD para ver a reação dos quatro perante uma determinada situação.*

**Bia Guimarães:** O psiquiatra vai atrás de quatro voluntários, incluindo alguns dos personagens que já tinham aparecido naquelas mini-histórias do começo do filme.

**[Cenas de "O Ritual dos Sádicos"]**

**Mulher:** *Há um médico que procura voluntários para experiência com LSD. E você foi uma das escolhidas.*

**Madame:** *Eu? Mas isso é fascinante, Anita.*

**Bia Guimarães:** A ideia do médico é injetar LSD nessas quatro pessoas e ver como elas reagem a uma coisa impactante, uma determinada situação. E é engraçado porque pra escolher qual situação vai ser essa, ele leva os voluntários – ainda sóbrios – pra três cenários. Eles vão pra uma balada, tipo um inferninho, onde tem gente tirando a roupa e ficando doidona. Eles vão pra uma peça do Teatro Oficina que realmente tava rolando na época e eles apareceram lá pra gravar – misturando de novo a realidade do underground paulistano com a trama do filme. E eles também vão pro cinema assistir um filme. Não qualquer filme, mas o "Esta noite encarnarei no teu cadáver". Sim, no filme do Mojica em que aparece o próprio Mojica interpretando ele mesmo E o Zé do Caixão, os personagens ainda por cima vão no cinema pra assistir outro filme do Mojica, onde também aparece o Zé do Caixão. Quer coisa mais meta que isso?

**[Cenas de "O Ritual dos Sádicos"]**

**Dr. Sérgio:** *De toda série de espetáculos que viram, qual o que mais impressionou?*

**Homem:** *Sem dúvida, o filme.*

**Bia Guimarães:** E aí chega a hora do Dr. Sérgio escolher qual dessas situações vai ser usada no experimento.

**[Cenas de "O Ritual dos Sádicos"]**

**[cont.] Mulher:** *Detesto Zé do Caixão, nunca suportei seus programas. E abomino aquelas unhas longas. Mas tenho que convir, foi o que mais me impressionou. Foi o Zé do Caixão.*

**Dr. Sérgio:** *Então está decidido. O objeto da nossa*

**Bia Guimarães:** Mas eu quero fazer uma pausa rápida antes de chegar na experiência do Dr. Sérgio e no que ela mostrou sobre as drogas. Porque a gente tá falando aqui de metalinguagem e de como o filme toda hora borra a fronteira entre a realidade e a ficção...O que me fez lembrar que eu tô te devendo uma coisa desde o começo dessa história. Lembra que eu contei que tinha ficado intrigada com esse filme quando eu li que policiais de verdade tinham participado das gravações? Sendo que logo depois, numa ironia do destino, a obra ia ser interditada/proibida pela censura?

**André:** O encontro dele com os policiais é muito curioso...

**Bia Guimarães:** Tem uma parte mais pro começo do filme em que aparece um grupo de policiais.

**André:** Tem uma sequência do filme que é uma sequência dentro de um, sei lá, um mafuá, um muquifo, que tem uns hippies que fazem uma orgia [...] que tem pessoas cheirando, fumando. Claro que era tudo fake.

**Bia Guimarães:** Quer dizer, as drogas eram fake. Mas os policiais, não – segundo o Mojica e a galera que trabalhava com ele. Ele até fala dessa história naquele Roda-viva de 1998, que a gente já ouviu uns trechos aqui.

***[Mojica no Roda-viva]***

***Mojica:*** *A vizinhança começou a dizer que tavam queimando drogas e telefonou pra polícia...*

**André:** ele estava filmando as cenas e uns vizinhos chamaram a polícia porque acharam que era alguma coisa suspeita. E aí os policiais foram lá para prender a equipe, basicamente, para ver o que estava acontecendo. Renderam a equipe toda, botaram todo mundo na parede, entre eles o Mojica. E aí um dos policiais reconheceu o Mojica pelas unhas. E o Mojica fez, não só fez amizade com esses caras, como em típica atitude Mojicana, Mojiqueana, como a gente diz, convenceu os caras a trabalhar no filme.

**Bia Guimarães:** Ele explicou que era um filme sobre o "mal dos tóxicos", o perigo das drogas. E perguntou pros policiais se eles não topavam participar.

**André:** Todos eles quiseram.

**Bia Guimarães:** E aí aparece o grupo de policiais tirando as pessoas da casa, prendendo, dando umas pancadas e arrastando pra dentro da viatura.

**[Cena "O Ritual dos Sádicos]**

**Homem:** *Eu não fiz nada! Me solta! [...]*

**Bia Guimarães:** O Mojica também contava que um dos policiais tinha até dado uma consultoria informal pra deixar as cenas de drogas mais realistas.

**[Mojica no Roda-viva]**

**Mojica:** *Eu não sabia nem como por o negócio de maconha, não sabia nada disso...*

**Bia Guimarães:** Tá. Mas lá atrás eu comentei com você um outro ponto curioso dessa história.

**Bia Guimarães:** *E pra piorar – ou melhorar –, eu li que policiais de verdade tinham participado das gravações. Talvez até um famoso torturador da ditadura.*

**Bia Guimarães:** "Talvez até um famoso torturador da ditadura."

**[Mojica no Roda-viva]**

**Mojica:** *Havia na época o Esquadrão da Morte, um grupo que tinha Fleury, Fininho, né?*

**Bia Guimarães:** É que o Mojica e a equipe dele contavam que aquele grupo de policiais que surgiu de surpresa no set de filmagem era comandado pelo Sérgio Paranhos Fleury. E que o próprio Fleury tava lá. Sim, o delegado Fleury. Aquele que trabalhava no DOPS, que comandou a emboscada pra prender – e matar – o Marighella, e que ficaria conhecido como um dos maiores torturadores da ditadura militar. A gente fez um esforço aqui e não conseguiu reconhecer o Fleury entre os policiais que aparecem no filme, comparando com fotos dele da mesma época da gravação. Mas em teoria ele podia ter ficado só nos bastidores.

Boa parte das pessoas envolvidas no filme e nessa história já morreu, incluindo o Mojica e o Fleury. Mas eu perguntei pro Rubens Lucchetti, o roteirista do "Ritual dos Sádicos", se ele lembrava dessa história.

**Rubens:** É, é o próprio Fleury, o próprio Fleury e a equipe dele.

**Bia:** você estava no estúdio no dia que os policiais...?

**Rubens:** Não, não, não, não. Eu frequentava muito pouco já o estúdio.

**Bia Guimarães:** Por um lado, eu fico pensando que essa história do Fleury não seria impossível. Sei lá, nos bastidores dos filmes do Mojica aconteciam as coisas mais doidas. Mas daí eu lembro que o filme foi produzido em 69. Num período em que o Fleury podia não ser ainda o grande símbolo da ditadura, mas o trabalho dele já era perseguir os opositores do regime militar. A própria emboscada do Marighella foi nesse ano, 69. É estranho pensar que ele teria ido atender uma denúncia de uso de drogas. Mas com ou sem Fleury, é impossível não ver uma certa ironia no fato de que tem policiais aparecendo, participando e até supostamente dando pitacos numa obra que depois seria completamente barrada pela censura. Mas deixa eu voltar pra parte em que eu parei do filme, que tem mais mistério pra gente tentar resolver. Beleza, então chega a hora do Dr. Sérgio, o psiquiatra, injetar LSD nos voluntários do experimento dele pra ver como eles reagem àquela coisa impressionante que foi escolhida. O Zé do Caixão. A partir daí, os quatro embarcam numa viagem alucinante. O filme, que até então era preto e branco, fica colorido. E a gente mergulha junto com eles numa série de alucinações, umas mais perturbadoras, outras menos. Aparecem cemitérios estraçalhados, pessoas com máscaras bizarras, imagens de um laboratório misterioso, algo que não sei ao certo se são bundas com cara de gente ou gente com cara de bunda... e claro, o Zé do Caixão. Depois de muitos minutos de viagem psicodélica, a gente volta pro debate na TV, a mesa-redonda onde o Dr. Sérgio tá contando desse estudo que ele fez. E é engraçado porque até esse momento eu tava achando o filme careta. Lá no começo tinha passado todas aquelas cenas degradantes e violentas, sempre ligadas a algum tipo de droga.

***[Cena "O Ritual dos Sádicos]***

***Dr. Sérgio:*** *A prova concreta do veneno que representa o tóxico. Um estimulante de taras.*

**Bia Guimarães:** E ainda tinha todos os traços de moralismo, e até de machismo, que rondam todo o trabalho do Mojica. A presença das mulheres só como objeto de tentação, os peitos pra lá e pra cá, as cenas de abuso sexual... Enfim, eu tava achando o filme incrível por vários motivos – a metalinguagem, o retrato da contracultura paulistana, a força daquelas imagens, em plena ditadura militar... E só o fato dele falar de drogas e mostrar o uso de substâncias me parecia super ousado, ainda mais pensando que o Mojica é praticamente da geração dos meus avós. Mas ainda assim, o filme não me parecia exatamente prafrentex no que ele tava dizendo. Em termos de posicionamento político. Tava claro pra mim que a obra tinha sido censurada mais pelas imagens do que pela mensagem propriamente dita. Até que no final, pra minha surpresa e pra surpresa dos participantes daquele debate fictício de televisão, o Dr. Sérgio faz uma revelação:

***[Cena "O Ritual dos Sádicos]***

***Dr. Sérgio:*** Sinto decepcioná-los. Mas em minha experiência não usei LSD ou qualquer outro tóxico. Usei simplesmente água destilada.

**Bia Guimarães:** Não tinha droga nenhuma no experimento. Era tudo placebo.

***[Cena "O Ritual dos Sádicos]***

***Homem:*** Enfim, Dr. Sérgio, o que quer dizer com tudo isso?

***Dr. Sérgio:*** O tóxico nada mais é do que uma desculpa para a libertação do instinto de cada ser humano. Isto quer dizer que, se a pessoa praticou um crime sob ação do tóxico, é porque a sua mente já era doentia. [...] A minha mensagem não é acabar com o tóxico, e sim moderar o seu uso. Fortalecer a vigilância em torno dos que fazem o comércio com essa ameaça. Foi isso que procurei ao fazer a experiência de auto-sugestão com esses viciados.

**Bia Guimarães:** Eu aqui achando tudo careta e aí de repente vem uma mensagem final dizendo que a gente não devia tá preocupado em acabar com a drogas, e sim em moderar o uso delas? Que a violência tá nas pessoas, tá no mundo, e que o uso de uma droga pode até ser uma consequência das mazelas do mundo, mas não a causa? Chocada. É uma mensagem super atual. Será que o Mojica tinha enganado todos nós até a cena final? Será que ele tinha enganado até mesmo aqueles

policiais, que achavam que tavam participando de um filme careta? E será que a própria maneira como ele vendia o filme – dizendo que era "um libelo contra as drogas" –, será que era só uma estratégia pra driblar a censura? Quer dizer, pra tentar driblar a censura.

**André:** E aí a censura vê "O Ritual dos Sádicos" e ela proíbe o filme inteiro.

**Bia Guimarães:** Eu pedi socorro pro Barcinski pra tentar entender onde que a gente tava pisando.

**Bia:** O psiquiatra lá do experimento revela que era tudo placebo e que o filme como que é um filme progressista em relação a drogas? É um filme careta? Onde a gente, como a gente enxerga isso?

**André:** Olha, é difícil dizer. Porque é um filme que, conhecendo o Mojica, ele era completamente contra drogas. Mojica era um cara conservador. Ele era um cara careta e moralista e tal. Só que os filmes dele são exatamente o contrário disso.

**Bia Guimarães:** Eu fiz essa mesma pergunta pro Gian, que pesquisa a censura aos filmes do Mojica na ditadura.

**Bia:** eu me peguei pensando assim: esse filme ele é, ele é, ele é prafrentex, ele é careta? Eu já não sabia.

**Gian:** Como todos os filmes do Mojica, eu diria que é extremamente contraditório.

**Bia Guimarães:** E, claro, eu cutuquei o Rubens sobre isso também. O roteirista do "Ritual dos Sádicos".

**Bia:** [...] era que era um filme anti-drogas, que era um filme contra as drogas.

**Rubens:** É! Na verdade é um filme anti-drogas.

**Bia:** Você acha que é?

**Rubens:** Sim. Porque as drogas não vai te levar a lugar nenhum. Não é a droga que é, digamos, que é o câncer da sociedade. É justamente a sociedade que já está podre por dentro. Entendeu? Porque ele mostra que... Talvez os censores tenham notado isso e tenham – tenha um deles deliberado para a não liberação do filme.



**Bia Guimarães:** Eu percebi que enquanto conversava comigo, o Rubens começava a se questionar sobre o filme também.

**Rubens:** Porque ele mostra que a sociedade está doente. Quer dizer, não é que a droga torna a sociedade doente, não. É a sociedade que está doente. Então ela necessita da droga.

**Bia:** Você acha que a censura pegou mais pesado e empacou mais com esse filme porque talvez ele tenha sido real demais?

**Rubens:** Sim, talvez sim. Hum. Talvez sim. Talvez tenha mostrado além daquilo que poderia ser mostrado. É um filme que tenta tirar o véu da hipocrisia que existe na sociedade.

**Bia Guimarães:** Eu fui olhar os documentos da censura, pra saber o que eles tinham falado do "Ritual dos Sádicos". Logo de cara eu achei curioso que alguns dos censores consideraram o filme até que ok. Claro, tinha nudez, violência, algumas barbaridades. Mas com alguns cortes, dava pra passar. Mas tinha também os que não curtiram nada o filme. Falaram que ele trazia uma mensagem negativa, que ia estimular o vício, que era "um flagrante atentado aos bons costumes e à moral". E no parecer final, o chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas declara que a obra tava interdita e que não podia ser exibida em todo o território nacional por conter "cenas ofensivas ao decoro público, tendentes à divulgação e indução aos maus costumes e, inclusive, ofensiva às coletividades e à religião." Convenhamos que não é uma opinião exatamente surpreendente. Ainda mais sabendo o que os filmes anteriores do Mojica tinham passado na mão da censura. Mas foi, sim, um baque pro Mojica.

**André:** Porque em 68, com AI5, que foi no final de 68, você vai fazer um filme tão espetacularmente violento e controverso e polêmico como "O Ritual dos Sádicos"? A única coisa (risos) eu só posso creditar isso ao fato do Mojica viver nas nuvens, de ele viver numa realidade paralela. Porque se ele tivesse a mínima noção de uma estrutura de carreira e um plano de carreira, ele não faria esse filme. Talvez por isso o filme é tão genial, porque ele não estava nem aí se iam censurar ou não. Ele vai e faz o filme que ele quis.

**Bia Guimarães:** Às vezes eu acho que o que ele queria era fazer exatamente o que ele fez comigo. Deixar todo mundo confuso sobre quem ele era, sobre o que ele pensava.

**Bia:** E então aquilo que a gente estava falando de tentar entender se era, se o filme era anti-drogas, se era progressista ou se era, né? Se tinha ali um posicionamento político ou não, na verdade é inútil porque...

**André:** Total. Total. Os filmes são, eles são, eles têm contradições entre eles mesmos. Assim, tipo, o filme é extremamente, o "À meia-noite levarei sua alma" é extremamente blasfemo no início e extremamente carola no fim. Então o filme é anticlerical ou é, ou é careta? Não sei. Talvez essa seja a beleza deles.

**Gian:** porque eu acho que o interessante do Mojica, ao mesmo tempo que ele era ele era acabava sendo moralista de certo modo, nos filmes dele – até mesmo os do Zé do Caixão –, ele não deixa de brincar com isso. Não deixa de tirar sarro desse moralismo extremo de de alguns setores da da classe média, dos homens, dos religiosos, enfim.

**Bia Guimarães:** A interdição do "Ritual dos Sádicos", em 1970, deixou marcas na carreira do Mojica.

***[Mojica no Roda-viva]***

***Mojica:*** E essa fita foi considerada pela crítica como a maior obra minha. Nossa, em 69 se eu passo essa fita, eu realmente seria o Silvio Santos do cinema nacional, porque a fita ia explodir.

**Bia Guimarães:** Pra além da frustração de ver o filme caindo no limbo, ele e a equipe tinham gastado tempo e dinheiro numa produção que nunca chegou ao circuito comercial. E carregar a fama de "maldito", de "perseguido", de "censurado" até podia ser uma boa propaganda pra atrair o público. Mas não pra atrair financiadores.

**André:** Ninguém quer botar dinheiro num filme que vai ficar, vai ficar preso pela censura e ter prejuízo. Então o Mojica começa a aceitar dirigir filmes para outras pessoas, coisa que ele nunca tinha feito. Ele, ele, em 68, 69, estava era o cara mais famoso, podia fazer o que ele quisesse e oito anos

depois estava fazendo pornochanchada e bêbado. Ele teve a carreira literalmente destruída pela censura.

**Bia Guimarães:** Em 1982, já nos últimos anos do regime militar, o Mojica tenta de novo lançar "O Ritual dos Sádicos". E aí ele submete o filme pra censura só trocando o nome pra "O Despertar da Besta". Mas o disfarce não cola. Então ele se rende e faz o que ele menos queria fazer. Ele passa a tesoura nas partes mais problemáticas do filme – o que deu mais de 20 minutos de corte. E aí sim, a censura libera "O Despertar da Besta" pra exibição. Só que o filme tava tão retalhado que não dava pra entender nada. A essência dele tinha ido embora. Foi só anos mais tarde que ele conseguiu exibir o filme sem cortes, do jeito que ele queria.

**André:** Então é, o filme só vem a ser exibido mesmo em 85, 86, nesse festival de cinema no Rio de Janeiro.

**Bia Guimarães:** A partir dos anos 90, a carreira do Mojica deu uma revigorada. Alguns filmes dele foram lançados nos Estados Unidos e o Zé do Caixão – ou o Coffin Joe – cativou fãs do terror lá fora. Até o Tim Burton se declarou um fã. Em 96 o Mojica foi chamado pra apresentar o programa Cine Trash, na Band. E em 98 saiu a biografia dele. E em 2008 foi finalmente lançado "A Encarnação do Demônio", que completa a trilogia do "À meia-noite levarei sua alma" e do "Esta noite encarnarei no teu cadáver". Ele morreu em 2020, e a morte dele foi sentida pelo Brasil inteiro. Mas a verdade é que muita gente – tipo eu até pouco tempo atrás – ficou sem saber que aquele cara das unhas enormes um dia lotou os cinemas do Brasil. Que ele perturbou o sono dos censores da ditadura. Que foi maldito e adorado ao mesmo tempo. Careta e prafrentex. Que ele causou muita confusão por onde passou, fosse por querer ou sem querer. Que ele teve uma vida pessoal cheia de trancos e barrancos – pra ele, pros filhos e pras mulheres (algumas até simultâneas) – que ele deixou pelo caminho. Que na vida real ele não era o vilão dos filmes, mas também não era santo. E nunca fingiu ser. Que ele foi embora sem deixar a gente decifrar ele por completo. Deixando um pouco no ar onde acabava o criador e começava a criatura.

**André:** Eu não consigo pensar em nenhum outro caso na história em que um criador seja tão confundido com a sua criatura, a ponto das pessoas chamarem ele pelo nome da criatura. Chaplin, ele era o Charles Chaplin e o Carlitos era outra pessoa. Mas o Mojica, não. O Mojica botava o pé na rua

era "ó o Zé do Caixão, ó o Zé do Caixão". E ele usou as unhas grandes numa das mãos até o final da vida por causa disso. Boa parte da renda dele vinha de aparições em que ele fazia o Zé do Caixão. Então devia ser um negócio muito, muito pesado pra ele. Ele tinha que estar interpretando o tempo inteiro.

**Bia Guimarães:** Em 2015, numa entrevista pra Folha de S.Paulo, o Mojica falou que não gostava mais de ser chamado de Zé do Caixão. Talvez ele já estivesse cansado de ser dois em um. Ou um em dois? Eu já nem sei mais. Eu queria terminar essa história do jeito que o Mojica faria. Mas eu tô na dúvida, porque são muitas opções. Eu posso terminar rogando uma praga em você e desejando péssimos sonhos...Eu posso copiar e colar um trecho de uma explosão aleatória... Ou então eu posso fazer igual no "Ritual dos Sádicos", em que o Mojica simplesmente olha pra câmera... dá um sorriso... e diz:

***[Cena "O Ritual dos Sádicos"]***

***Mojica: Corta.***

---

**Branca Vianna:** Essa foi a Bia Guimarães, produtora sênior da Rádio Novelo.

Obrigada por ficar com a gente até o final de mais um episódio do Rádio Novelo Apresenta. Essa semana, no nosso site, tem fotos do casamento da Laura e do Greg, e do Mojica sendo o Mojica e sendo o Zé do Caixão.

Lá no site também tem uma seção chamada "envie uma pauta". Clica lá se você quiser saber como faz pra mandar uma história pra gente. No site tem também as transcrições de todos os episódios.

Os episódios do Rádio Novelo Apresenta estão disponíveis nos principais aplicativos de áudio. Você pode seguir a gente no Spotify, na Apple Podcasts e no Amazon Music. Na Deezer, é só favoritar. Também dá pra se inscrever no Google Podcasts, no Castbox e no canal da Rádio Novelo no Youtube.

E não esquece de seguir a Rádio Novelo no Twitte e no Instagram, no @radionovelo e marcar a gente sempre que for recomendar ou comentar sobre algum episódio.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pela Marcella Ramos e Bruno Alfano.

Nesse episódio, a gente usou música original de Chico Corrêa e também da Blue Dot. A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

E a nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

Brigada, e até a semana que vem.